

### 3 Aspectos Metodológicos

*Na vida [...] nós mesmos nos apreciamos, do ponto de vista dos outros, nós procuramos compreender os momentos transgredientes de nossa própria consciência e levá-los em conta através do outro.*

*(Bakhtin, apud Brait, 2006:62)*

#### 3.1 Introdução

Tal como explico na introdução da dissertação, nesta pesquisa, investigo, por que vivemos, meus alunos e eu, momentos de satisfação no nosso dia a dia em sala de aula, na turma 1701. A partir da análise das reflexões dos alunos sobre a nossa prática pedagógica, construo as minhas reflexões que dão origem à questão central desta pesquisa.

Solicitei aos alunos da turma 1701, no início do ano letivo de 2008, que escrevessem uma carta para os alunos da turma 1601, os quais estavam tendo, pela primeira vez, Língua Inglesa como disciplina em seu currículo escolar, contando como eram as nossas aulas de Inglês. Como, nesta escola, as turmas 1600 são as iniciantes, os alunos das duas turmas não se conheciam. Por isso, para estabelecer quem seriam os remetentes e destinatários, apoiei-me na lista de chamada. Os alunos que tinham os mesmos números se tornaram, inicialmente, os correspondentes. Por exemplo: o aluno número 1, na chamada da turma 1701, Adilson, escreveu para a aluna número 1, na chamada da turma 1601, Acácia<sup>2</sup>. Portanto, os alunos da turma 1701 são os autores e os alunos da turma 1601 e eu, os leitores.

Para contextualizar a situação de escrita e postagem de cartas, pouco familiar aos alunos desta geração, pedi, ainda, que fizessem também o envelope e que criassem um selo que representasse a opinião deles sobre a aula de Inglês. A criação do envelope teve também como objetivo compartilhar conhecimentos já adquiridos nas aulas de Artes – dobraduras e formas geométricas, e a do selo, para

---

<sup>2</sup>Procurei seguir a ordem da lista de chamada, no entanto algumas adequações foram necessárias devido à entrada de alguns alunos novos e a saída de outros, em ambas as turmas, por mudança de turno ou de escola.

ilustrar a criação do aluno e dar ênfase ao juízo de valor que tinham atribuído às aulas de Inglês<sup>3</sup>.

Foram escritas e enviadas para os alunos da turma 1601, vinte e tres cartas, relatando como se desenvolviam as atividades de língua inglesa na sala de aula da professora Rosa Maria.

Nesse capítulo exponho, em três partes, as decisões metodológicas que dão suporte ao presente trabalho: abordagem da pesquisa, contexto e construção dos dados. Na abordagem adotada nesta pesquisa, são apresentados os princípios da pesquisa qualitativa, que norteiam esta dissertação. Em seguida, apresento o contexto no qual a pesquisa foi realizada e a Prática Exploratória, viés teórico-metodológico adotado para a construção dos dados.

## **3.2**

### **Pesquisa qualitativa**

#### **3.2.1**

##### **Definição da abordagem da investigação**

Utilizo, como abordagem de pesquisa, neste estudo, a concepção qualitativa de pesquisa, uma vez que busco compreender os significados atribuídos a nossa interação pelos próprios sujeitos praticantes. As palavras de Lüdke e André (1986:12, apud Novais, 2008:94) expressam os aspectos da pesquisa qualitativa que norteiam esta minha investigação:

a) o problema não resulta de hipóteses concebidas previamente pelo pesquisador, mas sim de um contato direto desse com o fenômeno dentro de um contexto definido sócio-historicamente, objetivando apreender como os sujeitos envolvidos percebem a sua realidade; b) a análise dos dados busca compreender as interações pessoais dentro do contexto onde estas ocorrem, obtendo uma perspectiva holística, ou seja, não-fragmentada da realidade; c) sujeito e objeto [objeto-sujeito] não podem ser dissociados, o que torna o pesquisador parte integrante do processo de investigação.

---

<sup>3</sup> Por questões de escopo, a significação dos selos não será analisada neste trabalho. Contudo, cópias dos envelopes podem ser apreciadas no Anexo.

Relaciono, a seguir os aspectos apontados por Ludke e André com minhas intenções e decisões investigativas.

a) Nesta pesquisa não tenho o objetivo de testar nenhuma hipótese, logo eu não parti de nenhuma suposição estabelecida *a priori*, e por ela ser de natureza exploratória busco por respostas e novas formas de entendimento da nossa realidade cotidiana, no nosso próprio contexto pedagógico.

b) Realizo a minha pesquisa em seu cenário natural, na nossa sala de aula, partindo dos significados que eu e meus alunos, juntos, conferimos ao que fazemos. É através da análise dos enunciados das cartas dos meus alunos do 7º ano do ensino fundamental e das minhas crenças em relação ao nosso universo pedagógico praticado na 1701, expressas no diálogo que estabeleço durante a análise, que procuro compreender os significados conferidos por nós a nossa prazerosa interação em sala de aula. Esta análise qualitativa e interpretativa dos enunciados construídos através de uma prática exploratória permite a reflexão sobre a questão das vozes, enunciado e do aspecto afetivo em uma relação dialógica, como a nossa. Isto possibilita que eu e você, leitor deste trabalho, encontremos entendimentos semelhantes e/ou diferentes acerca da nossa interação. Denzin & Lincoln (2006:17) defendem que:

A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, (...) seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Para realizar a análise dos enunciados das cartas, precisei olhar e refletir mais profundamente sobre minha relação com meus alunos, nossas aulas e o processo de construção da convivência calorosa do nosso dia a dia.

Durante a análise, interpreto e dialogo com os juízos de valor expressos nos enunciados, expondo o meu pensamento acerca de nossa interação e investigo como a expressão dos afetos co-construídos em sala de aula contribui para a questão desta pesquisa.

Procurei investigar de que forma uma interação permeada pelo diálogo com vozes as quais ecoam enunciados repletos de significação permeiam a relação afetiva, ou seja, até que ponto as nossas vozes demonstram afeto, motivação e receptividade, pilares, na minha opinião, de uma interação agradável.

Preciso reiterar que encontrei em Bakhtin ([1979]2003), Arnold & Brown (1999) e Allwright & Bailey (1991) e van Manen (2006) a fundamentação que me orienta na busca do entendimento do processo de construção dessa nossa realidade e na Prática Exploratória, abordada mais adiante ainda neste capítulo, o viés da realização dessa busca. A perspectiva bakhtiniana acerca da construção de uma relação dialógica, das vozes ecoadas no discurso e dos enunciados intersubjetivos ajudou-me a conhecer como todos esses construtos contribuíram para a atmosfera afetiva da nossa interação. Arnold & Brown (1999), van Manen (2006) e Allwright & Bailey (1991) nortearam o meu olhar no sentido de perceber e interpretar o afeto, a motivação e a receptividade presentes nos relatos registrados. As Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório - APPE<sup>4</sup> me permitiram dentro de uma prática pedagógica – escrever cartas – buscar o entendimento da minha questão, na voz dos seus próprios agentes do contexto que deu origem à questão.

c) As nossas posições no contexto da pesquisa mostram que tanto os meus alunos como eu, somos construtores do processo desta pesquisa, pois é através do que falamos e com a respectiva análise dos nossos juízos de valor acerca de aspectos da nossa interação que esta investigação se constrói. Por isso, acredito que com a análise dos enunciados, do dito e interpretado por mim posso entender o processo da nossa interação e encontrar os porquês da nossa satisfação. Para Denzin & Lincoln (2006: 23) são “os pesquisadores qualitativos que ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado.”

Esta investigação “busca compreender os significados que os sujeitos atribuem às suas ações, sendo que a pesquisadora está inserida em tal contexto” (André, 2000; Biklen, 1982; Watson-Gegeo, 1988, apud Barcelos e Abrahão, 2006:163). O aluno é o sujeito com quem investigo e que participa da interação da qual também faço parte, logo é através dele que me pesquiso, me encontro e me compreendo, e chegamos a um todo! Eu e meus alunos somos parte de um todo integrante do processo de investigação, nós juntos co-construímos as interpretações sobre a nossa vida em comum e eu teço o processo da construção da análise deste trabalho. Desta forma, “o conhecimento [apreendido neste

---

<sup>4</sup> APPE – trabalho para o entendimento integrado às práticas pedagógicas em sala de aula.

trabalho] se constrói coletivamente, pela interação-interlocação com o(s) outro(s), em um processo de confronto das diferentes leituras do real [e pela análise feita por mim].” (Garcia, 2003: 24)

Nesta minha busca pelo entendimento da nossa interação prazerosa, precisei fazer no início deste trabalho, capítulo da introdução, um relato da minha história, para que mediante a minha trajetória, eu e o leitor pudéssemos situar-nos e compreendermos os diferentes juízos que tenho da relação professora-aluno dentro da sala de aula, durante a co-construção do conhecimento da língua inglesa. Tracei, então uma linha de tempo imaginária, e construí a narrativa de diferentes momentos, que não tiveram um início e término delimitados mas, sim, momentos que adentram por outros. Estes ecoam diferentes compreensões do meu viver a prática cotidiana.

Este meu relato é feito em primeira pessoa, pois penso que não faria sentido narrá-lo de outra forma, visto que se trata de um período vivido por mim. É a história da minha vida profissional que dá início à busca do entendimento da questão levantada nesta pesquisa. Quando narro, por exemplo, a minha história do meu momento monológico, na verdade congelo imagens de um cotidiano vivido por mim com meus alunos e, ainda que este período não contenha o relato dos alunos é o que tenho registrado de um momento que procuro captar. São estes registros que desenham a compreensão do momento atual que investigo. Alinho-me com Denzin & Lincoln (2006:25) quando eles esclarecem que:

Os pesquisadores qualitativos empregam a prosa etnográfica, as narrativas históricas, os relatos em primeira pessoa, as imagens congeladas, as histórias da vida, os “fatos” transformados em ficção e os materiais biográficos e autobiográficos, entre outros.

Portanto, é o relato da minha história profissional e a história da nossa convivência recente contada pelos alunos que expressam a qualidade da relação professora-aluno que permitem que eu, pesquisadora-praticante, investigue a interação co-construída por mim e pelos alunos.

### 3.3 Prática Exploratória - PE

#### 3.3.1 Definição da proposta de trabalho-para-entendimento

Para tornar clara a definição da proposta de trabalho para o entendimento, assumo uma postura semelhante à que decidi tomar para descrever meu interesse em realizar essa pesquisa. Para explicar meu empenho no entendimento do que se passava na sala de aula, foi preciso historiar minha experiência profissional.

A Prática Exploratória não entrou na nossa sala de aula unicamente para que eu pudesse gerar dados para esta pesquisa. Allwright (1991:197, apud Azevedo, 2005:40-41) diz que a Prática Exploratória não pretende testar novas idéias.

Um bom professor experiente dedica parte de seu tempo a usar idéias que já foram antes testadas e aprovadas. Transformar o bom ensino em ensino exploratório é o que faz a diferença. Conseguir descobrir o que faz essas idéias serem um sucesso, buscar não somente descobrir que as idéias funcionam, mas também entender porque e como elas funcionam.

O momento exploratório registrado nesta investigação é apenas um *flash* na história da minha prática de vida em sala de aula, feliz, a qual busco entender melhor. Por isso, reitero o desejo de, antes de iniciar as primeiras palavras sobre a PE propriamente dita, esclarecer porque ela está aqui.

Na verdade, a PE adentrou na minha prática pedagógica quando iniciei a minha fase dialógica em viver a sala de aula, na qual o aprendiz tem algo a dizer, a questionar, a desejar entender e não está apenas à espera dos conhecimentos transmitidos por mim. Ou seja, quando deixei de experimentar com meus alunos o modelo de educação associada apenas à transmissão de conhecimento, iniciou-se, paralelamente, a trajetória de uma professora preocupada em entender o seu contexto pedagógico.

Vivencio, nesta fase, um olhar diferenciado para minha prática cotidiana, tenho o desejo de buscar entender o outro, situações, momentos, reações, positivas ou não, e ainda o impacto ou atitudes em relação a determinado conteúdo. É a

busca de entendimento sem a preocupação de promover uma mudança, ou de encontrar uma solução, no caso de uma experiência negativa. É apenas o desejo de conhecer, de apreender sobre a nossa interação, sobre a qualidade de vida da nossa prática, sobre nós mesmos. Nesta fase, este estado de curiosidade aflora também nas manifestações discursivas dos alunos, durante as nossas aulas, eles também expressam a vontade de buscar o entendimento acerca de questões da nossa vida em sala de aula.

Nesse processo interativo dialógico, o professor não é mais visto como o ‘sabe-tudo’ e a única fonte de conhecimento disponível. “A atividade em sala de aula é vista como empenho coletivo para a produção de oportunidades de aprendizagem” (Salmani-Nodoushan, 2006:150 apud Ponciano, 2008: 21).

Neste momento situado da minha vida profissional com meus alunos da turma 1701, a PE está presente no nosso cotidiano como o viés dialógico de busca de compreensão da qualidade de vida do nosso universo pedagógico. No entanto, no início – 1º semestre de 2007 – deste nosso percurso exploratório, eu não tinha tido acesso ainda à conceituação teórica da PE, não havia em mim a compreensão de que o que praticávamos em sala de aula eram atitudes exploratórias. O conhecimento que esclareceu todo este fazer exploratório aconteceu, para mim, no Curso de Mestrado, na PUC-Rio, ao longo do segundo semestre de 2007, quando tive a oportunidade de entrar em contato com textos que abordavam a Prática Exploratória e também a possibilidade de participar dos encontros com o Grupo da Prática Exploratória, do Rio de Janeiro. Sou uma das mais novas no grupo, mas o bastante para que eu confirmasse, para mim mesma, que eu e meus alunos somos sujeitos agentes exploratórios do nosso cotidiano escolar.

Portanto, foi nesta fase dialógica que, o que eu fazia e faço, passou a ser re-significado por mim como PE, uma forma responsável de apreender e viver com qualidade de vida o nosso cotidiano escolar. Qualidade de vida (Gieve & Miller, 2006) que pode ser percebida na perspectiva bakhtiniana de interação dialógica -vozes e enunciado- e ainda na construção do afeto ou outras formas afetivas mais específicas como a receptividade e a motivação, já apresentadas no capítulo 2.

Compartilho com a proposta da PE e por isso me aproprio dela no meu contexto escolar e nesta pesquisa. A seguir temos as palavras de Allwright

(2003:127) que expressam o significado da PE e simultaneamente demonstram porque a PE está em consonância com o trabalho dialógico que realizo.

A Prática Exploratória envolve:

1- praticantes (preferivelmente professores *e* alunos juntos) trabalhando para compreender:

- a) o que *eles* querem entender;
- b) não necessariamente *para* promover mudança;
- c) não principalmente *para* mudar;
- d) mas para *usar* práticas pedagógicas normais como instrumentos de investigação, de maneira que trabalhar para entender é parte do ensinar e do aprender, e não um extra;
- e) de uma maneira que não leve a um desgaste - ‘burn out’, mas é *indefinidamente sustentável*;

2- contribuir para:

- f) eles *mesmos aprenderem e ensinarem*;
- g) *desenvolvimento profissional, tanto o individual quanto o coletivo*.

Os meus alunos e eu convivemos diariamente, portanto somos os investigadores mais indicados para buscarmos juntos os entendimentos que permeiam a nossa vida feliz no contexto da sala de aula. A Prática Exploratória tem como proposta justamente ser “uma maneira indefinidamente sustentável em que professores e alunos, dentro de suas salas de aula e enquanto trabalham no processo de aprender e ensinar, se engajam para desenvolver o seu entendimento da vida na sala de aula” (Allwright, 2004:18-19; *inter alia*).

A forma como entendo a sala de aula está em conformidade com os princípios que orientam a PE, uma integração entre cotidiano escolar e pesquisa. Por isso, esta investigação se inspira nos princípios norteadores da Prática Exploratória. Ela se realiza na sala de aula, onde eu e meus alunos trabalhamos juntos em busca de entendimentos da nossa agradável interação e da priorização da qualidade de vida.

A Prática Exploratória não oferece uma descrição de técnicas ou procedimentos, mas princípios que norteiam o processo exploratório. Segundo Allwright (2003:128) são eles:

- Priorizar a *qualidade de vida*
- Trabalhar para *entender* a vida na sala de aula

- Envolver *todos* neste trabalho
- Trabalhar para a *união* de todos
- Trabalhar para o *desenvolvimento mútuo*
- *Integrar* este trabalho para o entendimento com as práticas de sala de aula
- Fazer com que os trabalhos para o entendimento e a integração sejam *contínuos*.

O processo desta pesquisa busca, então, o entendimento de uma questão ou *puzzle*. A questão não precisa ser necessariamente um problema ou algo negativo que precisa ser solucionado. A questão é algo que desperta a curiosidade do professor e/ou do aluno a respeito da vida em sala de aula, e que por esta razão querem compreendê-la melhor. Neste trabalho, por exemplo, a questão surgiu do meu desejo de compreender “Por que somos felizes no nosso cotidiano na turma 1701.”

Conforme já delineado nos parágrafos acima, eu não estou investigando um problema, isto é, alguma coisa que não esteja indo bem na nossa sala de aula da turma 1701. Pelo contrário, desejo investigar o bem-estar sentido por nós no nosso dia a dia.

É a textura exploratória que permite que *entendamos o porquê de entender* o nosso cotidiano (Allwright, 2003). Isto é, é a partir desta busca pelo entendimento com meus alunos que enriquecemos nossos próprios entendimentos sobre a nossa prática pedagógica, e que (co)construímos a qualidade de vida na sala de aula. Gieve e Miller (2006:21) advogam que:

Prática Exploratória é uma forma de pesquisa do praticante que oferece oportunidades para professores e aprendizes (alunos) trabalharem para seus próprios entendimentos acerca de suas vidas em sala de aula. Unindo professores, alunos e práticas pedagógicas com uma atitude investigativa desenvolvida de forma amistosa (*collegially*), a Prática Exploratória intensifica o potencial de agentividade daqueles que vivem o cotidiano da sala de aula apontando-os como os agentes principais intrinsecamente propensos a buscar entendimentos profundos sobre o que acontece em sala.

A PE se caracteriza pela busca de entendimentos com o objetivo maior de promover a qualidade de vida, a qual não está associada à eficiência de uma determinada prática, mas a qualidade da experiência vivida pelos sujeitos envolvidos. “A vida não para na porta da sala de aula” (Miller, 2002, comunicação pessoal), portanto, não há que se pensar em qualidade de trabalho,

sem antes se priorizar as experiências vividas pelas pessoas. A qualidade de trabalho por si só não dá conta de atender às questões das pessoas em relação à vida vivida por elas. É na busca de entendimentos que os participantes encontram respostas, outras questões, e não necessariamente soluções, acerca das questões que surgem das próprias vivências. Allwright (2002, apud Azevedo, 2005:41), na citação abaixo, confirma a prioridade dada à qualidade de vida pela Prática Exploratória:

Através da Prática Exploratória pretendemos colocar a ‘qualidade de vida’ como o nosso principal objetivo, em qualquer situação das nossas vidas, porque acreditamos que a idéia de medir eficiência é na prática (talvez não na teoria) prejudicial à vida e inadequada aos nossos objetivos. Mesmo quando o conceito de eficiência parece ser importante, acreditamos que a ‘qualidade de vida’, em qualquer situação, seja essencial, pois priorizamos o trabalho para ‘entender’ a vida em qualquer situação, através de uma ‘atividade social’ que envolve todos os participantes, em um clima de ‘coleguismo’, e tendo como objetivo o ‘desenvolvimento pessoal coletivo’.

Entendo, pois, que a PE é um caminho possível a seguir, quando se pretende uma vivência afetiva. A busca do entendimento com a participação de todos e na voz de todos é uma jornada exploratória conjunta dialógica a qual permite fluir demonstrações de interesse, opinião, negociação e respeito, que resulta em trabalho-resposta. Trabalho-resposta o qual possibilita construções de saberes diferenciados e abertos a outros questionamentos.

### **3.4 O contexto**

Apresento, também, a seguir, o contexto e os agentes da minha prática pedagógica e da situação investigada: a escola, a sala de aula, os participantes – eu, a professora e os meus alunos. Assim como o surgimento da questão e a definição da proposta de trabalho-para-entendimento – a Prática Exploratória –, além da construção dos dados e os procedimentos para a análise.

### **3.4.1**

#### **A escola**

A prática pedagógica analisada nesta pesquisa acontece em uma sala de aula de língua inglesa de uma Escola Pública Municipal situada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

A escola trabalha com turmas do quinto ao nono ano do ensino fundamental de segunda a sexta-feira, nos dois turnos – matutino e vespertino. O prédio de três andares fica localizado em um ponto bem alto do bairro, com vista panorâmica, e tem oito salas de aula amplas, no segundo e terceiro andares. Há uma sala de leitura com excelente e muito bem organizado acervo no terceiro andar, uma sala para professores, a secretaria e um refeitório, com uma cozinha ampla, dispensa e várias mesas com quatro cadeiras cada, no térreo. A quadra é coberta e é compartilhada com a comunidade nos finais de semana, feriados e férias.

O ensino da língua estrangeira está presente na escola da seguinte forma: o Inglês é oferecido no turno da manhã e o Espanhol no turno da tarde<sup>5</sup>. As aulas de Inglês são oferecidas em dois tempos semanais, de cinquenta minutos cada um, em dias diferentes, em turmas com cerca de quarenta alunos.

O ambiente de trabalho nesta nossa escola é muito agradável. Há uma forte integração entre os professores. A coordenação tem um papel importante nesta integração, pois mantém com os professores uma interação dialógica e exploratória. Há uma grande troca de experiências e de co-construção de conhecimento. Esta relação parece facilitar o processo de interdisciplinaridade e da harmonia dentro da escola.

### **3.4.2**

#### **A sala de aula**

A sala de aula da turma 1701 tem dois murais de tamanho médio, um que pode ser usado pela turma 1701 e o outro pela turma que ocupa a mesma sala de aula, no turno da tarde. Cada turma é responsável pela arrumação e exposição dos trabalhos ali colocados. A sala de aula tem ainda uma mesa e uma cadeira para o

---

<sup>5</sup> Este aspecto esclarece e ratifica o não uso de todas as cartas nesta pesquisa.

professor, quadro branco e carteiras retangulares. Cada carteira é utilizada, simultaneamente, por dois alunos.

A carteira única, para dois alunos, facilitou a confecção de trabalhos em dupla e o compartilhar de aprendizagem e conhecimento, no entanto, preciso esclarecer que, em algumas aulas, as carteiras foram agrupadas e posicionadas de forma diferente para que realizássemos atividades em grupo.

A ventilação da sala se realiza através de basculantes retangulares, em uma altura um pouco acima das carteiras, ao longo de toda a parede lateral da sala, de frente para a quadra e entrada principal da escola, e de dois ventiladores de tamanho médio, colocados em posições opostas: um na parede acima do quadro e o outro na parede no final da sala.

### **3.4.3 Os participantes**

As pessoas que participaram do período de construção dos dados foram eu, como pesquisadora que participa com a turma da nossa prazerosa interação matinal; os meus alunos da turma 1701, que escreveram as cartas e os alunos da turma 1601, para quem as cartas foram escritas.

#### **3.4.3.1 Eu, a professora de língua inglesa**

Sou brasileira, natural do Rio de Janeiro, graduada em Letras – Português- Inglês pela Universidade Santa Úrsula e professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Ao longo dos vinte anos de carreira, trabalhei também em um Curso de Idiomas, situado no Largo do Machado, em um Colégio Católico da rede particular, situado também no Rio de Janeiro, com turmas do Ensino Fundamental e Médio e ainda em uma Fundação, na Zona Norte da cidade, com turmas do Ensino Médio. Durante as duas primeiras experiências citadas acima, eu ainda não trabalhava na rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Só depois de alguns anos de atuação na Escola Municipal foi que iniciei o trabalho paralelo na Fundação.

Na Escola Municipal, trabalho com turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental. O material utilizado em todas as salas de aula é produzido por mim – exercícios e pequenos textos digitados, e/ou pelos próprios alunos, quando solicito trabalhos de pesquisa, por exemplo. Na maioria das vezes, digito os exercícios, que são idealizados a partir de pequenos textos.

### **3.4.3.2 Os alunos**

A turma do sétimo ano do Ensino Fundamental tem trinta e nove alunos na faixa etária de 13 anos de idade. Com exceção de um aluno, que estudava em uma outra escola, onde a língua estrangeira oferecida era a Língua Francesa, todos os outros são alunos que já estudavam no próprio colégio durante o sexto ano, sendo que dezoito deles, no turno da tarde.

Embora fossem trinta e nove alunos a produzir cartas para alunos de outra turma, nesta pesquisa, são analisados enunciados de vinte e três cartas. As quatorze cartas restantes não fazem parte deste estudo visto que treze autores tiveram como língua estrangeira, no ano anterior, a língua espanhola e um, a língua francesa. Suas respectivas cartas contêm enunciados que não dizem respeito as nossas aulas de inglês, portanto, não são objetos de estudo desta investigação e não constam do anexo.

A maioria dos alunos provém de famílias com renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos, reside nas proximidades da escola, tem irmãos e o pai e a mãe trabalham fora. A maioria das famílias, desta turma, atende às solicitações da escola para eventuais reuniões com os pais, nas quais se faz a entrega de boletins e a explanação sobre a atuação da turma no contexto pedagógico e também participa com os alunos de eventos promovidos pela escola.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> A participação indireta dos pais, ou seja, o comprometimento e atendimento às solicitações da escola foram importantes para a construção do clima de felicidade que se estabeleceu nas nossas aulas.

#### 3.4.4

#### **A atmosfera na nossa sala de aula e o surgimento da questão**

A turma 1701 era integrada por muitos jovens que já haviam sido meus alunos no sexto ano, em 2007. Quando iniciamos o ano letivo de 2008, o nosso relacionamento mantinha o caráter informal da nossa interação dialógica e as nossas atitudes e ações para com o outro demonstravam que o nosso relacionamento era respeitoso, amigável e afetivo.

As nossas aulas aconteciam duas vezes por semana, e eram realizadas em Português, seguindo a orientação dos PCN com foco na leitura, e com estímulos ao convívio com a Língua Inglesa através de outras habilidades comunicativas como a produção oral nos diversos momentos de saudação, na correção das atividades e até mesmo durante a co-construção da aprendizagem.

Toda essa atmosfera promovia nos alunos – antigos e novos – cada vez maior descontração, segurança, motivação e interesse pela Língua Inglesa e pela participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Eles respondiam, questionavam e emitiam opiniões. As nossas aulas decorriam com satisfação.

É neste contexto e atmosfera de convivência pedagógica que se insere minha questão de pesquisa “Por que somos felizes nas aulas de inglês da turma 1701?”. Instiga-me o fato de sermos capazes de construir um cotidiano com boa qualidade de vida e de trabalho. Na minha dissertação, tento aprofundar meus entendimentos pessoais e profissionais sobre esta questão, trabalhando com o olhar crítico reflexivo da Prática Exploratória e com a análise do discurso dos enunciados de meus alunos compartilhados em atividades pedagógicas que abriram espaços para eles expressarem discursivamente a atmosfera que caracterizava nossas aulas de Inglês.

No próximo segmento, descreverei mais especificamente o viés metodológico desta investigação.

### 3.5 Construção dos dados

No primeiro bimestre do ano letivo de 2008, quando estávamos trabalhando com cartas, e a questão “Por que somos felizes nas aulas de inglês da turma 1701?” me intrigava e me deixava cada vez mais curiosa, encontrei uma oportunidade pedagógica para construir o que chamo de “dados” nesta dissertação. Solicitei aos alunos que escrevessem para os meus alunos, da turma 1601, que estavam estudando Inglês pela primeira vez, uma carta, em Português, contando como eram as aulas de Inglês.

Pedi aos alunos que escrevessem cartas porque compartilho do pensamento de

Gieve e Miller (2006:39) quando dizem que:

Um dos papéis mais produtivos para os pesquisadores pode ser o de criar oportunidades para os participantes expressarem reflexivamente suas experiências interpessoais e, desse modo, contribuir para obter maiores entendimentos.

#### 3.5.1 Cartas com Potencial Exploratório – CAPE

Embora tenhamos comentado, de forma bem geral, a respeito das modalidades de cartas, estávamos naquele momento trabalhando com carta informal, a carta escrita a um amigo e/ou futuro amigo, por exemplo. Trabalhamos também aspectos como remetente e destinatário e a questão do selo e sua representatividade.

Solicitei aos alunos, então que escrevessem a carta – a CAPE (carta com potencial exploratório). Eles gostaram da minha proposta com relação à destinação – elas seriam escritas para um destinatário real, o primeiro aluno da chamada da turma 1701 escreveria para o primeiro aluno da chamada da turma 1601, o segundo aluno da 1701 para o segundo aluno da 1601 e assim sucessivamente. Informei a cada um dos alunos da 1701 o nome do destinatário da turma 1601. E decidimos que a entrega da carta, aos alunos da turma 1601, seria feita por um aluno da turma 1701, escolhido pela própria turma, num dia da aula

de Inglês. Este aluno iria até a sala da turma 1601, se apresentaria e falaria em nome da turma – 1701 e proporia que eles respondessem.

Além da escritura da carta, eles também fariam o seu próprio envelope e criariam o selo que representasse a sua opinião a respeito da aula de Inglês. Depois de negociarmos as sugestões de como as cartas seriam entregues, decidiu-se que as cartas seriam levadas, por um aluno da turma, em uma caixa. Um grupo de alunos se ofereceu para confeccioná-la. A turma fez sugestões com relação ao tamanho e à decoração da caixa e também demonstrou interesse que estivesse escrito *Letters*, de forma destacada.

A seguir, descrevo os procedimentos que segui para realizar a análise dos dados.

### 3.5.2

#### **Procedimentos para análise**

Busquei entendimentos sobre a questão a ser investigada através do juízo de valor expressos nas cartas com potencial exploratório dos alunos da turma 1701, procurando estabelecer um diálogo entre os enunciados e construir a análise à luz da compreensão bakhtiniana de interação dialógica, vozes e enunciado. Percebi, também, os aspectos afetivos defendidos por Arnold & Brown e van Manen assim como a concepção afetiva mais específica de motivação e receptividade (Allwright & Bailey).

A partir dos dados destaquei os possíveis geradores da qualidade de vida na nossa prática pedagógica: os nossos *good mornings*, as qualidades pessoais da professora e seus saberes pedagógicos, as relações professora-matéria, professora-alunos, alunos-matéria/aula e os processos cognitivos vivenciados.. Agrupei os enunciados de acordo com estas categorias emergentes e analisei a atmosfera afetiva em cada uma delas. Após o agrupamento discuti as nossas percepções – minhas e dos alunos acerca da nossa harmoniosa interação pedagógica.

### 3.6 Entendimentos

Relaciono a qualidade de vida da sala de aula, descrita nos enunciados das cartas, com as palavras de Allwright (2006:15) ao referir-se à Prática Exploratória como um viés para o ensinar e aprender não como “trabalho”, mas como “vida”, como uma alternativa para encorajar as pessoas a serem aprendizes por toda a vida. Neste sentido, considero a troca de cartas como a vivência da Prática Exploratória nas minhas turmas, porque permitem a reflexão sobre a “vida” na sala de aula e não só sobre o trabalho ali realizado.

A qualidade de vida da sala de aula é o objetivo maior da Prática Exploratória e ela pôde ser percebida nas CAPE – nos enunciados das cartas, onde as vozes dos alunos da turma 1701 ecoaram a qualidade das experiências vividas por nós no nosso contexto pedagógico.

Apresento, no próximo capítulo, a análise dos enunciados das cartas<sup>7</sup> dos alunos da turma 1701 que permitiu sistematizar as expressões do olhar reflexivo sobre a qualidade de vida da nossa experiência cotidiana.

---

<sup>7</sup> Obtive e tenho comigo as autorizações dos responsáveis dos alunos para a utilização e publicação das cartas e envelopes nesta pesquisa e/ou em trabalhos futuros.